

*A paixão e a exceção*: Borges, Eva Perón, Montoneros. Beatriz Sarlo. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 298 págs.

**Paulo Renato da Silva\***

A tradução de *La pasión y la excepción*, livro publicado originalmente em 2003, permite aos leitores brasileiros confirmar o porquê da repercussão internacional positiva do pensamento da crítica literária e cultural argentina Beatriz Sarlo.

Quando o objeto é a paixão, como se manter indiferente? Já no prólogo, a autora faz um convite irresistível e corajoso para que prossigamos a leitura. Irresistível, pois destaca que razões biográficas a motivaram na escrita. “Faço parte de uma geração marcada politicamente pelo peronismo e culturalmente por Borges” (p. 9). Cria-se uma cumplicidade, a intelectual e os leitores aproximam-se na potencial vulnerabilidade às paixões.

Daí a coragem – e os riscos – do convite, pois a necessidade de compreender a paixão está presente. No entanto, ao aliar razões biográficas a um propósito analítico, Sarlo só aparentemente questiona cânones como neutralidade e objetividade. Aliás, dilema não somente da autora – quem dera! –, mas do fazer intelectual das últimas décadas. Em *A paixão e a exceção*, o distanciamento temporal é um dos meios que viabilizam a análise. “Quando me lembro daquele dia (...) vejo outra mulher (que já não sou). Quero entendê-la, pois quem eu era não foi muito diferente de outras e outros (...)” (p. 11). Não

---

\* Doutorando em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: pauloparesi@yahoo.com.br.

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas – SP	Nº 13	243-247	2007
-----------------	---------------	-------	---------	------

por acaso, Sarlo frisa, logo em seguida, que se afastou do peronismo. Além disso, diferentemente do que coloca a edição aqui resenhada, os textos que compõem o livro não são ensaios. Há um forte embasamento documental, filosófico e historiográfico que diverge do estilo direto e do “descompromisso” que caracterizam o gênero ensaístico.

Borges, Eva Perón e Montoneros cruzam-se nas quatro partes do livro: “Beleza”, “Vingança”, “Paixões” e “Hipotextos”. Pela intensidade das discussões políticas e acadêmicas, esses temas, muitas vezes, parecem esgotados. Sarlo prova o contrário. A aproximação entre os três, por si só, deve ser destacada. Existem inúmeros trabalhos que estudam, separadamente, as relações entre Borges e o peronismo, entre Eva Perón e os Montoneros, mas o caminho escolhido pela autora, particularmente, me parece inédito.

Eva Perón domina o começo do livro. Como compreender a excepcionalidade política de uma atriz? Ao contrário do que defendem peronistas e antiperonistas, Sarlo enxerga uma ruptura, um deslocamento entre a Eva atriz e a primeira-dama. Para os peronistas, a continuidade seria demonstrada pela facilidade de se comunicar com as massas. Para a oposição, pela facilidade em enganá-las. A autora não entra nessa cansativa e repetitiva discussão. Ao analisar o visual enquanto elemento do discurso peronista, Sarlo demonstra que a imagem da Eva atriz, sujeita ao caráter efêmero da moda, não poderia corresponder à da primeira-dama de um governo que se pretendia eterno e universal. Os vestidos e as jóias da primeira-dama não são vistos sob a perspectiva simplificadora do ressentimento ou da ambição de Eva Perón, são considerados como assunto de Estado. A suntuosidade, o exagero das roupas e dos adornos, assim como, a austeridade do *tailleur* – que também marcou seu guarda-roupa – estariam além do que era considerado bom gosto e, portanto, denotariam o caráter atemporal desejado pelo peronismo. “(...) não se trata meramente da mulher de um presidente (...); Eva está representando um novo regime político” (p. 97). Sarlo mostra, assim, como a imagem de Eva Perón foi construída e serviu como instrumento de propaganda.

No entanto, a autora chama a atenção quando destaca características físicas naturais de Eva Perón que teriam reforçado a atemporalidade buscada pelo peronismo. Sarlo menciona, dentre outras, o “rosto arredondado”, a “cintura de vespa”, “(...) seu corpo sem curvas marcadas, cada vez mais delgado (...)” (p. 81). Então, a ruptura, o deslocamento entre a atriz e a primeira-dama seria, em parte, um reencontro consigo mesma? Ao naturalizar traços atemporais de Eva Perón, a autora estaria justificando o mito que se tornaria? Sarlo tem consciência do perigo de ser interpretada dessa maneira. “Na excepcionalidade de Eva houve um ‘fora do lugar’, uma passagem de qualidades que, justamente na passagem, potencializaram-se e tornaram-se adequadas, embora *adequadas* não seja a palavra exata, já que não se adequaram a nada que preexistisse, e sim criaram a situação para a qual seriam adequadas” (p. 24-25). No entanto, não desenvolve o raciocínio.

A permanência de Evita no imaginário político argentino pode ser notada nos Montoneros. Ao escrever sobre o seqüestro e assassinato do general e ex-presidente Pedro Eugenio Aramburu pelo grupo, que o responsabilizou pelo desaparecimento do corpo de Eva Perón, Sarlo entende o episódio “(...) como um capítulo de uma história cultural da política revolucionária na Argentina” (p. 133). Além disso, lembra da influência dos revolucionários cubanos, para os quais “(...) uma justiça substancial popular em oposição à formalidade procedimentalista se impusera como legítima” (p. 148). O que para um referencial europeu ou norte-americano poderia indicar desequilíbrio, imprevisibilidade, no livro aparece como restauração consciente e planejada de uma ordem. A escolha por Aramburu não foi aleatória, a operação demandou cálculo e paciência e, houve um procedimento, o general e ex-presidente soube porque morreria. Reaver o cadáver seria “(...) comunicar, representar, expressar e responder aos anseios do povo” (p. 155). Evidentemente que Sarlo não defende a vingança em si, mas quando as instituições não existem ou falham, “(...) o ato de justiça retorna para os homens que estejam em condições de encará-lo” (p. 198).

Considerando-se essa circunstância excepcional, o episódio não poderia ser submetido a julgamento de nenhum tipo, nem legal, nem moral<sup>1</sup>.

A obra de Borges é o substrato para se compreender culturalmente esse mundo dominado pelas paixões. “É provável que (...) quase todos os argumentos estejam em Borges” (p. 13), destaca a autora ainda no prólogo a respeito da excepcionalidade do escritor. Contrastando com a imagem do cosmopolita, desinteressado pelo seu país, Borges surge preocupado com a formação do mundo *criollo*. Para o escritor, coragem é um valor necessário para responder a provocações em um mundo pré-moderno, como mostram os duelos que povoam sua obra. No entanto, na modernidade, Estado e instituições não teriam controlado totalmente as paixões, que, nas palavras de Sarlo, apenas “(...) se deslocam ou na direção das margens do crime ou socialmente para cima, na direção do mundo dos senhores (que continuaram praticando o duelo como um privilégio cultural de classe)” (p. 192). A entrega fanática ao peronismo defendida por Eva Perón, o desaparecimento do seu corpo e o caso Aramburu não seriam exemplos desse deslocamento? O mesmo pode ser pensado em relação ao nome Montoneros, evocação da Montonera, milícia gaúcha das guerras civis do século XIX que se diferenciava dos princípios militares europeus. Segundo Sarlo, Borges, “(...) nessa incursão por um passado inventado, lido ou recebido oralmente, encontrava as paixões e as virtudes excepcionais que atribuiu a uma linhagem situada no núcleo imaginário e histórico da Argentina” (p. 209).

Movido pelo medo de perder, na cidade, a ligação com esse passado imaginado, mas referencial, Borges correria, de acordo com a autora, o perigo de exagerar esse vínculo. Creio que a história argentina no decorrer do XX afastou esse risco da obra do escritor.

---

<sup>1</sup> Vale esclarecer aos que desconhecem a história argentina, que o peronismo foi colocado na ilegalidade pelos militares que derrubaram Perón em 1955. O desaparecimento do corpo de Evita fez parte dessa política de desperonização.

A excepcionalidade de uma atriz, de um seqüestro e assassinato, de um escritor, cada uma marcada por paixões: fanatismo, vingança, nostalgia. *A paixão e a exceção* não é uma leitura fácil, mas não tem nada de inteligível, a menos que o leitor *excepcionalmente* cobre inteligibilidade das paixões. Sarlo lembra que toda paixão implica um estado de exceção que, apesar de não subsumível, interfere nas práticas humanas. Logo, é um texto altamente recomendável para historiadores.